

Aventurar-se

Agora eu era o herói, e o meu cavalo só falava Inglês.
A noiva do *cowboy*, era você, além das outras três...
Eu enfrentava os batalhões, os alemães e os seus canhões,
guardava o meu bodoque e ensaiva o rock para as matinês.
Agora eu era o rei, era o bedel e era também juiz.
E pela minha lei, a gente era obrigado a ser feliz!

Chico Buarque de Holanda

Viajar, conhecer territórios desconhecidos, descobrir novas paisagens, novas pessoas...

Nas memórias de infância de todos nós, as viagens se fazem presentes. Reais ou imaginárias, de verdade ou vividas nos jogos simbólicos, viajamos... É na felicidade das brincadeiras, viajando para a lua ou para lugares longínquos, que vivemos a atitude de quem faz expedições e conhece o mundo, com todo o corpo, vigilante às novas descobertas e ao reconhecimento do que já se conhece.

E hoje, como educadores, para onde viajamos? Talvez muitas viagens estejam sendo sonhadas... Mas, se nosso corpo/olhar se faz viajante sensível e atento, uma viagem pode se tornar real quando visitamos a praça próxima, a rua de nossa casa ou da escola, ou mesmo a casa do vizinho; quando nosso corpo/olhar identifica as semelhanças e percebe as diferenças nos modos de viver, pensar e habitar os territórios.

Pequenos deslocamentos como esses podem gerar novas percepções sobre os outros, sobre nós mesmos e o mundo que habitamos. E o que pode gerar uma viagem que é especialmente preparada para chegar a territórios desconhecidos ou pouco conhecidos? Quando visitamos um museu, seja qual for o seu acervo, adentramos num território a ser explorado e revelado aos nossos corpos de viajantes da cultura.

Este material que você tem às mãos, foi construído por muitas cabeças viajantes, com o desejo de trazer à tona o que ainda não se sabe, não se conhece, não se viu, através das pinturas de Albert Eckhout.

Antes de iniciar essa viagem, imagine-se como um viajante a um território desconhecido e pergunte-se: O que seria imprescindível levar nessa viagem?

Talvez sua preocupação inicial seja recolher todas as informações possíveis, como mapas, prospectos, reportagens

retiradas de jornais, revistas, Internet, livros, relatos de outros viajantes, etc. Você já pensou sobre a importância dos primeiros viajantes à América, que cartografaram seus mapas com o objetivo maior de saber voltar para casa? Hoje os satélites nos ajudam, e a visualização das estrelas no céu, os astrolábios ou as bússolas foram sendo substituídos por mapas e fotos mais detalhadas e por instrumentos mais sofisticados e precisos.

Você pode ter lembrado de artigos para sua sobrevivência, pois não sabe o que vai encontrar, e pensou em levar comida, remédios, roupas apropriadas. Ou você pensou em algo para o registro? Máquina fotográfica ou filmadora, papéis e lápis, canetas ou tintas, gravador, um diário de bordo...

Sua resposta, entretanto, pode ter sido outra, como a que foi dada por um grupo de professores, quando iniciamos a Ação Educativa da exposição de Eckhout, que disseram: uma mente aberta para investigar, muita curiosidade, uma expectativa que acolhe o inesperado, o acaso, o que se expande para além de nossas referências.

Essa atitude investigativa, inquieta e curiosa, é imprescindível em nossa bagagem. Sem ela, as informações podem ficar cristalizadas naquilo que os outros já viram e nos contaram, os registros podem se limitar àquelas fotos reproduzidas nos mesmos locais dos

cartões-postais e que simplesmente dizem: “Eu estive aqui”.

Excursão ou expedição? Tudo depende da atitude. É uma excursão, se a atitude não pretende mergulhar no desconhecido; se o olhar do viajante é um olhar ingênuo, que apenas vagueia pela paisagem. É uma expedição, se a atitude é investigativa, com a pretensão de colher informações, porque o olhar do viajante é curioso e sensível. Não teria sido este o próprio olhar de Eckhout que encontramos nas informações visuais de suas paisagens e cenas?

Uma exposição de arte estimula a uma viagem expedicionária, quando vamos com os sentidos em alerta, em vigilância criativa para capturar e ver mais e mais. Encontramos, num espaço expositivo, a oportunidade para perceber sonoridades, odores, sensações e exercitar novos olhares através das obras. A viagem pode se tornar emocionante, pois os sentidos podem ficar mais aguçados se houver uma boa preparação.

Para alguns, isso pode significar perder o gosto da descoberta. Porém, mesmo que tenhamos refletido, lido, visto, ouvido e conversado olhando uma reprodução, estar diante do original provoca uma singular experiência estética. Além da sensação diferenciada de ver algo que já se tornara familiar através de reprodução, somos tomados por novas percepções convocadas pela dimensão, nitidez e qualidade das cores e formas

das obras. Uma reprodução, mesmo que acompanhada de informações sobre as dimensões de uma obra, não suscita a sensação de surpresa que podemos ter quando estamos realmente frente a ela.

Entrar na exposição *Albert Eckhout* sabendo o que está exposto, entretanto, não é garantia de que a visita irá ampliar nossos conhecimentos. As informações são importantes, quer sejam dadas por leitura, pesquisa ou pelo monitor, mas o potencial da visita está naquilo que nosso olhar/corpo singular captura, amalgamado com nossas referências pessoais e sociais. O que nossos olhos vêem, juntamente com o que o nosso corpo/mente sente, nos faz pensar. É com um novo olhar que sempre saímos da visita a uma exposição.

Ao mesmo tempo, o clima gerado no espaço cultural por nossa presença expande-se ainda mais na medida em que trocamos idéias com os que estão conosco nessa viagem estética. Nesse momento, a presença do professor ou do monitor é fundamental, pois pode instigar, com questões provocadoras e jogos de percepção, o intercâmbio das impressões sensoriais, de leituras, de interpretações e da conversa sobre o que as próprias obras nos interrogam.

Muitas perguntas nos fazemos quando estamos envolvidos em processos de mediação geradores de encontros sensíveis. Encontros germinam sensações, ações, sentimentos e pensamentos que

vão configurando nossa forma singular de habitar o mundo. São encontros prazerosos que acolhem, com curiosidade e abertura, as descobertas e novas inquietações, ou são encontros dificultados pela apatia, pela omissão, pelo confronto e pela oposição gratuitos, pelos preconceitos.

Cuidar atentamente da qualidade dos encontros com diferentes realidades que podem, a princípio, parecer distantes, externas e estranhas é nossa meta. Trata-se de encontros que exigem atitudes pedagógicas que podem reforçar e instigar a construção de significações.

É por isso que uma atitude investigativa é vital. É com nosso olhar sensível e pensante e com o nosso corpo receptivo, que nos deixamos capturar para o diálogo com que a exposição nos presenteia.

Tudo isso nos leva a refletir sobre a necessidade de preparar nossos alunos para a viagem. O ponto inicial, entretanto, está em dar importância ao que vamos pensar e ver nos possíveis caminhos que poderão ser traçados para uma expedição.

As obras de Eckhout chegam ao Recife, de onde saíram, 350 anos mais tarde. Só esse fato já faz da exposição um acontecimento extraordinário. O que pode nos revelar a visão desse holandês?